

974 / 18
162

AUTO PRIMEIRO
DOS
SETE SABIOS
DE GRECIA,

Que trata de varias Sentenças, que disseraõ,
e outros Filósofos Antigos.

TRADUZIDAS POR HUM
ANONYMO.



LISBOA:

Na Of. dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Anno de M. DCC. XLIV.

Com todas as lincas necessarias.

mdcxxxviii

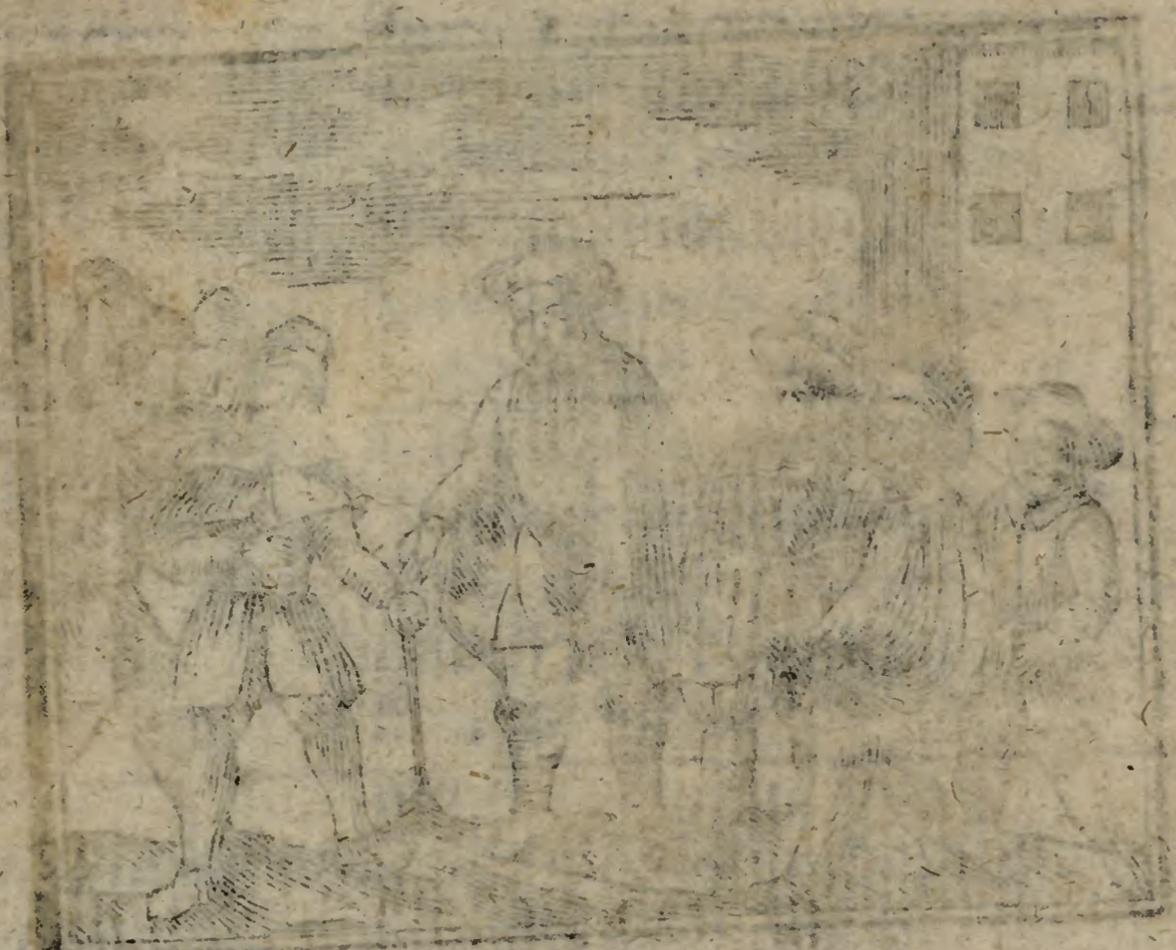
ANTONIO PEREIRA

SETE ABILIO DE GRECIA

Que trata de varias sentenças, que dizem
e outros Filósofos antigos

TRADUZIDAS POR HUM

ANONYMO



LISBOA:

ANTONIO PEREIRA

Com todos os privilégios
de Sua Magestade

RES.
151476

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

163

*Approvação do M. R. P. M. Fr. Bernardo do Desterro,
Religioso da Ordem dos Prégadores, e Qualifica-
dor do Santo Officio, &c.*

EMINENT. E REVEREND. SENHOR.

P Or ordem de Vossa Eminencia vi o Papel inti-
tulado : *Auto dos sete Sabios de Grecia.* São len-
tenças de Sabios, e Filósofos, que merecem im-
primirse, em nada oppostas á Fé, e muito conformes
aos bons costumes. Assim o julgo. Vossa Eminencia
mandará o que for fervido. Convento de São Domin-
gus, 12 de Mayo de 1744.

Fr. Bernardo do Desterro.

V Ista a informação, pôde imprimirse o Papel, de
que se trata, e depois de impresso tornará para
se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não
correrá. Lisboa, 12. de Mayo de 1744.

*Fr. R. de Alencastro. Teixeira. Silva.
Soares. Amaral.*

DO

DO ORDINARIO.

Approvaçãõ do Muito Reverendo Padre Mestre Doutor Fr. Joseph dos Santos da Ordem da Santissima Trindade, &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR:

EM obediencia dos preceitos de V. Excellencia, li este Auto dos *Sete Sabios de Grecia*, que trata de varias Sentenças, que disserão, e outros Filozofos Antigos: copiadas por hum Anonymo, e bem podia o Author da Compilaçãõ darnos a saber o seu nome, para que todos foubessem agradecerlhe quanto deviaõ á sua curiosidade: e só nos poderiamos queixar da sua penna, que transcrevendo-nos fielmente algumas para exemplo moral dos que se quizessem aproveitar dellas, as não transcrevesse todas: porém nisto quiz significarnos, que nos deixava o caminho aberto, para que cada hum quando se quizesse divertir a si, e utilizarnos a nós, continuasse facilmente com o mesmo trabalho, porque todas estas Sentenças foraõ como regras moraes, que nos deixaraõ para regularmos (ainda politicamente) as nossas operações. Saõ muito conformes à razãõ, e assim nada tem, que offenda a pureza da Fé, e dos costumes, antes servirà de grande utilidade, que todos as tragaõ diante dos olhos para observarem, e praticarem o que ellas ensinaõ: pelo que me parecem dignas de sahir á luz publica impressas em letras de ouro. Vossa Excellencia a todas as luzes Maximo sempre, e rectissimo, mandarà, o
que

que for servido. Convento da Santissima Trindade de Lisboa, 16, de Junho de 1744.

Doutor Fr. Joseph dos Santos.

Vista a informaçã pôde-se imprimir o Auto de que trata a Petição, e depois de impresso torne para se dar licença para correr. Lisboa, 6 de Agosto de 1744.

164

D. J. A. L.

D O P A C O.

Approvaçã de Philippe Joseph da Gama, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

S E N H O R.

Por ordem de Vossa Magestade vi o Papel intitulado: *Auto dos Sete Sabios de Grecia*, a que se ajuntãraõ muitas Sentenças de outros illustres Filofotos, que por ellas se deixarãõ conhecidos, e venerados no Mundo. Naõ ha duvida, que fez hũ grande beneficio ao bem publico o Anonymo, que as compilou, e traduzio na lingua Portugueza: mas tambem he certo, que naõ necessita esta inclyta Naçaõ de exemplos estranhos, pois para vivermos gloriosamente igualando, e excedendo as mais fabias, e politicas, basta nos imitar os nossos Herõas, que ou seja na paz, ou na guerra fizeraõ crível no que disserãõ, e obrãraõ, tudo quanto a liçãoja, e o encarecimento celebrou nos antigos. Com tudo he muito conveniente esta Traducçaõ, para que vejaõ os que se naõ applicarãõ ao idioma Latino, e tem empregado o tempo na liçõ das nossas Historias, a semelhança admiravel, que os Portu-

A 2

Portuguezes tem com os Gregos, e com os Romanos, e não menos para que se aproveitem destes documentos da Filosofia moral, tão uteis para a conservação, e felicidade das Monarquias, que ainda Grecia, e Roma confessão quanto devem ao seu Socrates, e ao seu Cato. De maneira, que estas duas famosas Republicas, que tanto floreceraõ em armas, e letras, nos mostraõ ainda hoje entre as suas ruinas as estatuas, e as inscripções, que dedicavaõ a estes Varoens insignes, cujos nomes, e dictos sentenciosos se referem neste Papel, para que soubesse o Mundo, que aos Platões, e aos Tulios deviaõ a mayor, e melhor parte da sua gloria. Parece-me, Senhor, que estes Oraculos dos mais eminentes Filolofos da antiguidade, em que entraõ muitos de Capitaens illustres em victorias, como Themistocles, e Scipiaõ Africano, saõ dignissimos de que todos se prezem de os trazer escritos na memoria com caractéres immortaes. E assim para que se vão perpetuando com os seculos em utilidade dos bons costumes, como tambem para mayor culto, e veneraçãõ de tantos Sabios, benemeritos de q se lhes levãtem novas estatuas na Regia, e numerosissima Bibliotheca de V. Magestade; merecem estes Apothegmas, mais q a luz, e a immortalidade do Prélo, que se façãõ entalharem taboas de cedro, e em laminas de bronze. Lisboa, 11. de Julho de 1744.

Filippe Joseph da Gama.

Que se possa imprimir vintas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarã á Mesa para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá. Lisboa, 18. de Julho de 1744.

Pereira.

Costa.

AUTO

A U T O.

P R I M E I R O S A B I O.

165-

O PRIMEIRO Sabio de Grecia foy *Thales Milesio* : Este dizia : Que a cousa mais ligeira era o pensamento , a mais forçosa a necessidade , a mais prudente o tempo.

Perguntando-se-lhe : Que cousa havia no Mundo difficultosa : Respondeo : Que conhecerse hum homem a si mesmo.

Perguntando-se-lhe : De q̄ sorte viveria hum homem bem : Respondeo : Que não offendendo a nenhũ.

Perguntando-se-lhe : Que cousa havia no Mundo abominavel : Respondeo : Que hum tyranno.

S E G U N D O S A B I O.

O segundo foy *Solon Atheniense* : Este Sabio estando chorando a morte de hum filho seu , disseraõ-lhe , que não fazia bem em chorar por huma cousa , que não tinha remedio : Respondeo : Antes essa he a razão porque choro , pois vejo , que não tem remedio meus males.

Perguntando-se-lhe : Qual ha de ser aquelle , que ha de governar a outro : Respondeo : Que ha de ser , quem primeiro se souber governar a si.

Perguntando-se-lhe : Que cousa havia mais aguda , q̄ a espada : Respondeo : Que a lingua de hum mão.

Per-

Perguntando-se-lhe: De que maneira se poderia governar bem huma Cidade: Respondeo: Que se os Governadores della vivessem como as Leys.

Dizia: O que não puzestes, não tires.

Dizia: Que nenhuma couza se havia de fazer em demasia.

T E R C E I R O S A B I O .

O terceiro foy *Chilon Lacedemonio*: Este Sabio dizia: Que se não havia de ameaçar a ninguem, porque isso só era para mulheres.

Dizia: Que os que tinhaõ mando, haviaõ de ser homens mansos, porque os subditos mais os reverenciasssem, que temesssem.

Dizia: Que com mais promptidaõ se haviaõ de buscar os amigos nos casos adversos, q̃ nos prosperos.

Perguntando-se-lhe: Que couza havia difficiltoza: Respondeo: Que calar as couzas, que não eraõ para fallar.

Dizia: Que aos mortos se não havia de mal dizer, que a velhice se havia de honrar, e que se havia antes escolher o damno, que o ganho torpe.

Dizia: Que era de loucos fazer movimentos com as mãos, quando fallavaõ.

Sendo velho disse: Que não soubera no discurso de sua vida, que couza era ingraticidaõ.

Q U A R T O S A B I O .

O quarto foy *Biante Prieneu*. Diz este Sabio: Que

Que muito melhor era ser Juiz entre dous inimigos, que entre dous amigos : porq̃ sendo-o entre dous amigos, ha de ficar hum por inimigo ; e entre dous inimigos, ha de ficar hum por amigo.

Dizia : Que duas cousas eraõ contrarias ao bom conselho, pressa, e paixãõ.

Perguntando-se-lhe : Qual era o animal mais peçonhento : Respondeo : Que dos bravos, o tyranno, e dos mansos o lisongeiro.

Perguntando-se-lhe : Que cousa era mais suave aos homens : Respondeo : Que a esperança.

Q U I N T O S A B I O .

O quinto foy *Pithaco Mitileneo*. Dizia este Sabio: Aquillo, que determinares fazer, naõ o andeis dizendo antes, porque se acontecer naõ o fizerdes, zombarãõ de vós.

Perguntando-se-lhe : Que cousa havia mais agradavel : Respondeo : Que o amigo. E que cousa mais fiel : Disse : Que a terra. E que cousa mais infiel : Respondeo : Que o mar.

Dizia : Que dos homens prudentes era prever as adversidades, para que lhes naõ succedessem ; e dos fortes, sofrellas com bom animo.

S E X T O S A B I O .

O sexto foy *Cleobulo Lydio*. Este Sabio aconselhava, que a todos se fizessem boas obras : aos ami-

A 3

gos,

4
gos, para que o fossem mais, e aos inimigos, para delles fazer amigos.

Dizia: Que se havia de escolher a mulher igual; porque se era mais illustre, os parentes seriaõ senhores do marido.

Dizia: Que não se haviaõ os homens de ensoberbecer com a prospera fortuna, nem de lmayar com a adverfa.

SETIMO SABIO.

O setimo foy *Periandro Corinthio*. Este Sabio dizia: Que nenhuma coula se havia de fazer por interess.

Dizia: Que o exercicio nas Artes podia tudo.

Dizia: Que se havia de ter grande sentido nas conversações, para não descubrir segredos.

Dizia: Que os que quizessem reynar com segurança, que se haviaõ procurar mais a benevolencia, que as armas dos Vassallos, para andarem acompanhados.

SENTENÇAS DE OUTROS

Filosophos.

ARISTOTELES.

Dizia: Que a ninguem se devia bem fallar de si bem, nem mal: porque se se louvava a si, era louco, e se de si dizia mal, era nefcio.

Dizia: Que de dous generos de homens se espantava

tava muito, daquelles, em que não havia bem nenhum, e se os gabavaõ, aceitavaõ os louvoros; e daquelles, em que não havia cousa má, e se os reprehendiaõ, faziaõ-se vermelhos.

Perguntando-se-lhe: Qual era a cousa, que mais depressa envelhecia: Respondeo: Que o gosto.

Perguntando-se-lhe: Que ganhava quem mentia: Respondeo: Que não lhe dar credito, quando fallasse verdade.

Perguntando-se-lhe: Porque fazia bem a hum máo homem: Respondeo: Não me compadeci de seus costumes, mas de que era homem.

Dizia: Que tres cousas eraõ necessarias a hum menino: Engenho, exercicio, e disciplina.

Perguntando-se-lhe: Que differença tinhaõ os nescios dos discretos: Respondeo: Como os mortos dos vivos.

Dizia: Que o saber era na prosperidade ornamento, e na adversidade, refugio.

Gloriava-se certo homem de ser natural de huma Cidade: disse-lhe Aristoteles: Que o bom seria ser elle digno de ser natural della,

Dizia: Que haviaõ homens taõ escassos, como se em toda a vida houvessem de viver, e outros taõ liberaes, como se logo houvessem de morrer.

Perguntando-se-lhe: Que tinha ganhado com a Filosofia: Respondeo: Fazer por vontade, o que muitos fazem por medo da Ley.

Dizia: Oh amigos, amigo, nenhum!

ANA-

A N A C H A R S E S.

Ouvindo dizer, que o costado de huma não tinha quatro dedos de grossura, disse: Que tanto diffavaõ da morte os navegantes, que embarcassem nella.

Perguntando se lhe: Qual eraõ as mais seguras embarcaçoens: Respondeo: Que as que estavaõ deitadas em terra.

Perguntando-se-lhe: Que cousa tinha o homem bom, e máo: Respondeo: Que a lingua.

A G A S I C H E S.

Dizia: Que era força, que temesse a muitos, aquelle, a quem muitos temiaõ.

Gabando-se-lhe hum Orador, de que ornava coufas poucas com muitas palavras: Respondeo: Eu não tenho por bom çapateiro, o que para pê pequeno faz grandes çapatos: a verdade he a mayor perfeiçaõ no dizer, e aquelle diz bem, cuja oraçaõ he congruente, ao de que se trata.

A hum, que o apertava pelo que lhe prometera: Respondeo: Se he justo, o que pediz, he verdade, que o prometi; se não, não o prometi.

Perguntando-se-lhe: Que proveito se tirára das Leys de Licurgo: Respondeo: Que o desprezo de appetites.

Dizia: Que não havia muro mais inexpugnavel, que a concordia.

Não quiz, que lhe levantassem estatua, dizendo.

do: Que nenhuma era tão honrada, como a memoria
de boa vida.

A N T I S T E N E S.

Dizia: Que assim, como a ferrugem gastava, e
consumia o ferro, assim a inveja ao invejoso.

Quando era louvado de algum homem não, di-
zia: Receyo, que fizesse alguma cousa mal feita.

Perguntando-se-lhe: Que tirára da Filosofia:
Respondeo: Que poder fallar comfigo.

A R C H I D A M I D A S.

Dizia: Que a brandura, para os facinorosos,
nenhuma outra cousa era, que crueldade para os
bons.

Dizia: Que o bom Soldado não menos havia
de saber a arte de fugir, que a de pelear.

C A T A M.

Dizia: Que melhor era ter amigos colericos, e
agastados, que brandos, e lisongeiros; porque os
agastados às vezes fallavaõ verdade, e os outros
nunca.

Perguntando-se-lhe: Que era necessario para
passar a vida: Respondeo: Que quatro cousas, fazer
bem, comer bem, vestir bem, e lavar bem.

CRA-

C R A T A M.

Dizia : Nenhuma cousa temereis , senão esperada nada , de que vos temais.

C R A T E S.

Dizia : Que os homens se acautellassem de fallarem só comsigo.

D I O G E N E S.

Dizia : Que a enfermidade era carcere do corpo , e a tristeza carcere d'alma.

Perguntando-se-lhe : De que cousas se havia hum homem de guardar : Respondeo : Que da inveja do amigo , e das ciladas do inimigo.

Quando pedia, e lhe davaõ alguma cousa , dizia : Que cobrava : dando a entender , que os subejos do rico , eraõ por direito do pobre.

Passando por huma rua , vio , que no portal de huma casa , em que vivia hum homem de má vida , e fima , estavaõ humas letras , que diziaõ : Não entre por aqui cousa má : disse Diogenes : Folgára de saber , por onde ha de entrar o dono desta casa.

Vendo huma Cidade pequena , e de pouca gente , que tinha as portas muito grandes , comecou a gritar : Vizinhos , cerray as portas , não se vos vâ a Cidade.

Reparou em huma occasião , que em hum exercicio estavaõ huns mancebos atirando à bêsta , e que hum,

hum, dos que atiravaã, errava sempre o alvo: e quando o tal estava para atirar, foy Diogenes correndo a porçe junto ao alvo, dizendo: Que alli estava mais seguro do atirador.

Perguntando-se-lhe: A que horas era bom comer: Respondeo: Que os ricos, quando tivessem fome, e os pobres quando tivessem que.

Perguntando-se-lhe: Em que tempo se havia de casar: Respondeo: Que aos mancebos não era ainda tempo, e que aos velhos, era tarde.

Entrando em huma casa muy concertada, em que o dono della não queria, que cuspiſſem, cuspiolhe Diogenes na cara, dizendo, que não via alli cousa peyor, em que cuspir.

Vendo a hum que se fez vermelho com vergonha, contolou-o, dizendo: Que estivesse contente, porque aquelle era a cor da virtude.

Perguntando-se-lhe: Que vinho lhe sabia melhor: Respondeo: Que aquelle, que lhe davão, e não o que comprava.

Dizendo-se-lhe: Que era máo viver: Respondeo: Que viver, não era máo; mas viver mal, sim.

Aconſelhado, que buscasse hum escravo, que lhe fugira: Disse: Graça he, que possa viver o mestre escravo sem mim, e que não possa ou viver sem elle.

Vendo a hum mancebo de mãos costur es temperar bem huma viola: Disse-lhe: Não vos envergozhais de accómodar os tens a hum pão, e não temperar o animo à boa vida.

Perguntando-se-lhe: Que cousa havia no Mundo

165

104

do mais preciosa : Respondeo : Que a liberdade.
Perguntando-lhe Alexandre Magno se o temiaõ ;
He fez Diogenes esta pergunta : Se era bom, ou máo :
R^opondeo Alexandre , que bom : Disse-lhe Dioge-
nes : Pois quem ha , que tema o bom ?

D E M A S.

Dizia : Quando empresto dinheiro aos meus
amigos , perco o dinheiro , e mais os amigos.

D E M O S T H E N E S.

Dizia : Que nenhum homem podia fallar bem,
se não fallando só , no que bem sabia.

E U D A M I D A S.

Dizia : Que ninguem podia fallar com authorida-
de na couza , que não tratara , e experimentara.

E P I C U R O.

Dizia : Que a pobreza era couza muito honesta ;
mas que era pobre , quem não era alegre.

Dizia : Que assim como se não escolhiaõ os man-
jares mais em quantidade , senão os mais gostosos, as-
si se havia de escolher não o tempo mais dilatado,
mas o mais suave.

Dizia : Que era nescio, quem aconselhava só aos
moços,

II
moços, que vivessem bem, e aos velhos, que mor-
ressem bem; porque o mesmo conselho, que servia
para viver bem, servia para morrer bem.

Dizia: Que se não podia viver alegremente, se
se não vivesse com prudencia, e honestidade.

ISOCRATES.

Dizia: Tomay de vagar o amigo, porém depois
de o tomares, fazey pelo conservar; porque tanto mal
he não ter amigo nenhum, como provar n uitos.

LYCURGO.

Dizia: Que o bom, e Sabio varaõ mudava mui-
tas vezes de conselho.

MARCO VARRAM.

Dizia: Os amigos dos ricos são palhas junto do
graõ.

Dizia: Sinal he de pouco saber, querer, que se
faça de pressa, o que he difficultoso de fazer.

MARCO TULLIO.

Dizia: Que não havia coula mais infornivel,
que o ignorante prospero.

Dizia: Que a mais agradavel amizade, era a que
procedia da conformidade de costumes.

Dizia:

Dizia : A má condição , faz-se peyor , se he ro-
gada.

Dizia : Qual he a inclinação do homem , tal he o
homem ; e qual o homem , tal he a sua pratica.

Dizia : Que todo o homem errava , mas que o
nescio pela mayor parte perseverava no erro.

Dizia : Que se não deve fazer guerra , se não pa-
ra viver em paz.

Dizia : Todo o vicio envelhecido , se faz peyor.

P L A T A M.

Dizia : Que ninguem assistisse em terra , onde os
gastos eraõ mayores , que a renda.

Perguntando-se-lhe : Que riqueza seria a hum
homem necessaria : Respondeo : Aquella , que lhe baf-
te para não lisongear ninguem.

Perguntando-se-lhe : Qual era dos homens o
mais valente , e qual o mais fraco : Respondeo : Que
o mais valente , o que vencia sua propria ira ; e o mais
fraco , o que descubria seu proprio segredo.

P Y T H A G O R A S.

Dizia : Que dous generos de lagrimas se achavaõ
nas mulheres : humas nascidas de grande dor , que no
coração tinhaõ ; outras de enganos , que nos olhos
mostravaõ.

Dizia : Que dos amigos tudo era commum , por-
que a amizade era huma igualdade.

PTOLOMEU.

Dizia: Que entre os Sabios, aquelle era mais Sabio, que era mais humilde.

13

171

PLAUTO.

Dizia: Que o homem era o mais cruel animal do Mundo; porque a seus iguaes, não os sofre, aos menores despreza-os, e aos maiores inveja-os.

Dizia: Inimigo he o amigo tardio.

Dizia: O que poderes fazer, não o ficis de vosso amigo.

PISTO.

Dizia: Que melhor era dizer verdade, e ficar vencido, que dizer mentira, e ficar vencedor.

Dizia: Que quem cumpria seus desejos, então os incendia n. ais.

QUINTILIANO.

Dizia: Que tanto assim faltava ao avarento o que tinha, como o que não tinha.

SOCRATES.

Dizia: Que huma casa havia boa, que era a sciencia; e outra má, que era a ignorancia.

Fazendo-lhe hum escravo seu huma descortezia,

zia, disse-lhe: Se não estivera agastado, houvera-te de aqoutar.

A hum homem, que estudava sendo velho, disse-ra outros: Como não se envergonhava de estudar naquella idade? Aos quaes disse Socrates: Que mayor vergonha era ser ignorante, que estudar.

Dizia: Que só huma cousa sabia, que era saber, que não sabia nada.

Dizia: Que se espantava do muito, que hum Escultor trabalhava para fazer huma pedra semelhante ao homem, e do pouco, que aos homens se lhes davaõ de se fazerem semelhantes a pedras.

Fugindo huma vez de sua mulher agastada para a rua, ella lhe lançou huma pouca de agua. Disse-lhe Socrates: Que sempre lhe parecera, que a trovoada havia de lançar agua.

Dizia: Que os outros homens viviaõ para comer, mas que elle comia para viver.

SCIPIAM AFRICANO.

Dizia: Que nenhuma cousa domava tanto a soberba, como a pobreza.

TITO LIVIO.

Dizia: Que se não havia de crer, ao que huma vez fora desleal.

Dizia: Que no soberbo era suspeitosa a muita brandura.

THEO.

THEOPRASTO.

Dizia : Que as praticas , que se tivessem com os amigos , fossem curtas , e as amizades fossem largas.

Dizia : Ao amigo prospero acodilhe , quando vos chamar ; ao necessitado naõ espereis , que vos chame.

Dizia : Guarday-vos do amigo , que vos falla sempre á vontade ; pois he de bom amigo agastarse de quando em quando.

Dizia : Naõ offendais ao vosso amigo , nem ainda zombando.

Dizia : Quando começamos a viver , entaõ morremos.

THEMISTOCLES.

Disse a hum , que lhe perguntou a quem daria huma filha para casar , se a hum homem , que era pobre , mas honrado , ou a hum rico de má fama : Respondeo : Que melhor era homem com necessidade de dinheiro , que dinheiro , que tivesse necessidade de homem.

XENOFONTE.

Disse a hum , que o tinha injuriado de palavras : Assim como tu tens posto teu estudo em dizer mal , assim eu estudey sempre em desprezar os maldizentes.

Dando-se-lhe novas , que havia hum filho seu falecido : Respondeo : Eu bem sabia , que tinha gerado couza mortal.

XENO.

X E N O C R A T E S.

Disse a hum mancebo, que fallava muito : Ouvi muito, e fallay pouco, pois para ouvir vos deu a natureza dous ouvidos, e para fallar huma só boca.

Estando em companhia de huns homens, que murmuravaõ de outros, elle só estava callado: e perguntando-se-lhe a causa porque não dizia nada: Respondeo: Que de fallar lhe pezára muitas vezes, e de callar nunca.

Tinha cada dia huma hora de silencio.

Z E N O.

Dizia: Que aquella Republica era mais perfeita, que tinha mistura de Reyno, e de mando popular.

Perguntando-se-lhe: Que cousa era o amigo: Respondeo: Que era outro, como eu.

Perguntando-se-lhe: Como sendo taõ sévero, era taõ alegre nos convites: Respondeo: Os tremoços são muito amargos, mas deitados n'agoa se tornão doces.

F I M.